


MUSEU COMO ESPAÇO EDUCATIVO DO PÚBLICO DA TERCEIRA IDADE

THE MUSEUM AS AN EDUCATIONAL SPACE FOR THE PUBLIC OF THE THIRD AGE

EL MUSEO COMO ESPACIO EDUCATIVO PARA EL PÚBLICO DE LA TERCERA EDAD

 <https://doi.org/10.56238/arev7n8-097>

Data de submissão: 13/07/2025

Data de publicação: 13/08/2025

Adson dos Santos Bastos

Doutor em Educação

Instituição: Universidade Federal da Bahia (UFBA)

E-mail: abastos@uneb.br

Marco Antonio Leandro Barzano

Doutor em Educação

Instituição: Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP)

E-mail: malbarzano@uefs.br

Fabiele dos Santos Ferreira

Graduada em Pedagogia

Instituição: Universidade do Estado da Bahia (UNEB)

E-mail: fabieleferreirads@gmail.com

Grasielle Sousa Bulhões

Doutora em Ensino, Filosofia e História das Ciências

Instituição: Universidade Federal da Bahia (UFBA)

E-mail: grasipsousa@hotmail.com

Gervane Gomes de Souza

Mestre em Ciências da Saúde e Biológicas

Instituição: Universidade Federal do Vale do São Francisco (UNIVASF)

E-mail: gervaneggs@gmail.com

RESUMO

No presente artigo, consideramos o museu como espaço educativo, tomando a memória como categoria analítica e elemento de constituição da representação social que um grupo de idosas construiu sobre esta instituição, entendendo-o como lugar em que a aprendizagem é motivada por lembranças. No estudo, o museu foi compreendido como um espaço múltiplo de aprendizagem de educação não-formal e nesta lógica, defende-se neste texto que os museus, em que as atividades são desenvolvidas de forma bem direcionada, com um objetivo definido, consagra-se como um espaço significativo de aprendizagem, em que o sujeito produz sentidos. Este artigo é parte de uma pesquisa mais ampla que versa sobre o tema: Ciência, Tecnologia e Sertão: percepção do público da terceira idade em museus de Ciências. O estudo tem uma natureza qualitativa, centrando a análise de dados a partir de três instrumentos, quais sejam: questionário, grupo focal e observação. O resultado do estudo evidenciou que os sujeitos colaboradores concebem o museu como um locus de aprendizagem que permite, a partir da memória, mobilizar saberes que se constroem e ressignificam pelas lembranças e identificações com os objetos que ali se encontram.

Palavras-chave: Idosas. Museus. Espaço Não-Formal.

ABSTRACT

In the present article, we consider the museum as an educational space, taking memory as an analytical category and an element of constitution of the social representation that a group of elderly women built about this institution, understanding it as a place where learning is motivated by memories. In the study, the museum was understood as a multiple learning space for non-formal education and in this logic, it is argued in this text that museums, in which activities are developed in a well-directed manner, with a defined objective, are enshrined as a significant learning space, in which the subject produces meanings. This article is part of a broader research that deals with the theme: Science, Technology and Sertão: perception of the elderly in science museums. The study has a qualitative nature, focusing the analysis of data from three instruments, namely: questionnaire, focus group and observation. The result of the study showed that the collaborating subjects conceive the museum as a locus of learning that allows, from memory, to mobilize knowledge that is built and resignified by memories and identifications with the objects that are found there.

Keywords: Elderly Women. Museums. Non-Formal Education.

RESUMEN

En el presente artículo, consideramos el museo como un espacio educativo, tomando la memoria como una categoría analítica y un elemento de constitución de la representación social que un grupo de mujeres mayores construyó sobre esta institución, entendiéndola como un lugar donde el aprendizaje es motivado por los recuerdos. En el estudio, el museo se entendió como un espacio de aprendizaje múltiple para la educación no formal y, en esta lógica, se argumenta en este texto que los museos, en los que las actividades se desarrollan de manera bien dirigida, con un objetivo definido, están consagrados como un espacio de aprendizaje significativo, en el que el sujeto produce significados. Este artículo es parte de una investigación más amplia que trata el tema: Ciencia, Tecnología y Sertão: percepción de los ancianos en los museos de ciencias. El estudio tiene una naturaleza cualitativa, enfocando el análisis de datos de tres instrumentos, a saber: cuestionario, grupo focal y observación. El resultado del estudio mostró que los sujetos colaboradores conciben el museo como un lugar de aprendizaje que permite, desde la memoria, movilizar el conocimiento que se construye y resignifica por recuerdos e identificaciones con los objetos que se encuentran allí.

Palabras clave: Anciones. Museos. Espacio No Formal.

1 INTRODUÇÃO: APRESENTANDO O CONTEXTO

A educação como forma de entendimento de um processo contínuo de formação, constitui-se no cenário das trajetórias de vida de um sujeito, a partir da sua inserção em diferentes espaços formativos, dentre os quais consagra-se o museu, caracterizado como espaço não-formal de aprendizagem. É, portanto, nas relações, no tempo e nos diferentes espaços que a formação vai sendo tecida, gerando condição para a produção de experiências, consideradas uma espécie de alicerce para as reflexões que o sujeito faz de si, ao produzir sentidos, logo aprendizagens a partir daquilo que o mobiliza a pensar e a mexer com o arsenal simbólico que está presente em sua memória.

Compreendendo o museu como um lócus de aprendizagem, buscou-se no presente artigo o objetivo geral de compreender como o museu é concebido como um lugar de aprendizagem e, especificamente, compreender e analisar a experiência de um grupo de pessoas idosas, com idade que varia entre 60 e 95 anos, participantes do Programa Universidade Aberta a Terceira Idade (UATI) de uma universidade pública baiana. A partir de uma pesquisa de caráter qualitativa, o estudo procurou oportunizar a visita dos sujeitos a dois diferentes espaços museais, quais sejam: Museu Casa do Sertão e o Museu Antares de Ciências e Tecnologia, ambos considerados museus universitários, pertencentes à Universidade Estadual de Feira de Santana e que são sediados no município de Feira de Santana, Bahia.

Vislumbrou-se com as visitas, analisar as relações de aprendizagem que se estabeleceriam considerando os elementos constantes nos museus e as trajetórias de vida e formação de cada idoso. Neste sentido, a memória foi um elemento importante, pois a partir dela várias associações, puderam ser produzidas pelos sujeitos da pesquisa, favorecendo uma ressignificação dos objetos presentes nos museus a partir das concepções, vivências e experiências que cada um tinha construído em sua história de vida. Muitos dos colaboradores nunca tinham visitado um museu, mas conhecia muitos dos elementos que ali estavam presentes por terem conhecido e em alguns casos lidado com aqueles objetos no decurso de sua história de vida e formação.

Os museus são “espaços científico-culturais, em sua interface direta com o público, são considerados instituições com objetivos variados dentro das temáticas de educação, lazer, informação e inclusão social” (MASSARANI, et al, 2019, p. 3). Ainda segundo esses autores, “nas últimas três décadas, houve um crescimento dos estudos de público em museus, o que permitiu novos entendimentos sobre a experiência museal dos visitantes, bem como informações importantes sobre suas expectativas, preferências e interesses” (MASSARANI, et al, 2019, p. 4). Especificamente, o museu abordado neste artigo possui, majoritariamente, a visita do público escolar da escola básica, compreendendo crianças, jovens e adultos, conforme foi atestado por Silva (2016)

Partimos da lógica de que a educação, enquanto forma de ensino e aprendizagem, é adquirida ao longo da vida dos cidadãos e pode ser dividida em três diferentes modalidades: educação formal, educação informal e educação não-formal. A educação formal é aquela que ocorre nos espaços formais de educação, ou seja, nas escolas e universidades. Entretanto, para Jacobucci (2008), o espaço formal diz respeito apenas a um local onde a educação ali realizada é formalizada, garantida por Lei e organizada de acordo com uma padronização nacional.

Já para Libâneo (2008) a educação formal seria aquela estruturada, organizada, planejada intencionalmente e sistemática. Corroborando com Libâneo, Garcia (2005) diz que a educação escolar ou formal é aquela onde o saber é sistematizado, o que justifica a sua definição como educação formal.

Por outro lado, a educação abrange um universo que extrapola a instituição escolar, esta socialmente entendida como responsável pela formação dos indivíduos, principalmente no que diz respeito ao acesso aos conhecimentos historicamente acumulados e sistematizados. Para além das experiências educativas escolares, há aquelas que ocorrem fora dos muros da escola e que podem ser denominadas de educação informal e educação não formal.

A educação informal compreende um processo permanente, espontâneo e não organizado. Nela, os conhecimentos são repassados por meio das experiências e práticas cotidianas que ocorrem durante o processo de socialização dos indivíduos na família, no bairro, no clube, no cinema, na igreja, no teatro, em leituras e outros contextos, ou seja, aquela que decorre de processos naturais e espontâneos. Já a educação não formal é aquela que ocorre quando existe a intenção de determinados sujeitos em criar ou buscar determinados objetivos fora da instituição escolar. Assim, segundo Gohn (2008):

A educação não formal pode ser definida como a que proporciona a aprendizagem de conteúdos da escolarização formal em espaços como museus, centros de ciências, ou qualquer outro em que as atividades sejam desenvolvidas de forma bem direcionada, com um objetivo definido. (GOHN, 2008, p. 98)

Neste contexto, as práticas educativas desenvolvidas pelos museus fazem parte de suas funções, em termos de comunicação e divulgação científica, e situam-se no campo da educação não-formal. A oferta de demanda educativa desse espaço vem ampliando-se e organizando-se em função de objetivos explícitos, e que, embora seja distinta da escola formal, não deixa de ser planejada, com organização específica e visando uma determinada intenção (GOHN, 2001). Dessa forma, espaços não-formais de ensino também são responsáveis e grandes influenciadores dos modos de pensar e agir das pessoas que costumam frequentar esses espaços, não cabendo esta responsabilidade apenas ao ensino formal.

Nessa perspectiva de educação, a escola formal deixa de ser um espaço hegemônico de educação e formação humana e o conhecimento passa a ser compartilhado em outros espaços, de

múltiplas maneiras e com objetivos diversos. Cortella (2007) destaca a contribuição da educação não-formal para a educação cidadã e sinaliza que a educação não é sinônimo de escola e tudo que se expande para além da formalização escolar é “território educativo a ser operado”.

Por isso, Museus e Centros de Ciências e Tecnologia, por exemplo, representam espaços de educação não-formal, uma vez que neles ocorre a construção de saberes, estimulada por situações inéditas e essencialmente intencionais que são apresentadas nas exposições e atividades propostas por estes espaços, e a ampliação do conhecimento sobre o mundo e sobre as relações nas quais os indivíduos tomam parte (GOHN, 2006). Neste contexto, se enquadra o Museu Antares de Ciência e Tecnologia, um dos cenários de estudo da pesquisa realizada.

Nossa intenção, no presente artigo, é que ele possa contribuir para que os estudos sobre público de idosos em museus sejam ampliados, sobretudo no que se refere à importância da visita; a interação desse público com os objetos; a interação dos idosos com os mediadores e o que mais chama a atenção desse público em contato com a exposição. Além disso, é imperativo destacar a importância de os museus, de uma maneira geral e, em específico estes em que o público de idosos visitou, possam ter acesso aos resultados desta pesquisa e, a partir disso, que se possa repensar e/ou aprimorar as exposições para atendimento a esse público tão singular que é o de idosos.

2 OS MUSEUS E SEUS PÚBLICOS

Antes de se abordar sobre o tema “público em museus” faz-se necessário definir: o que é público? Partindo de uma definição geral, público se refere ao povo, à coletividade, à opinião pública, ao interesse público. A sua gênese vem do latim *publicus* que significa literalmente vinda do povo. Neste sentido, a noção de público tem sua origem na representação da sociedade e de jogos de interesse entre o Estado, a economia e a sociedade civil, tendo como inter-relações o poder existente entre eles para agirem como atores sociais no contexto sócio-político.

As relações entre museu e o público têm sido cada vez mais submetidas a profundas transformações conceituais, em consequência das mudanças que a sociedade vem sofrendo ao longo dos séculos (WILDER, 2009). Por isso, nas últimas décadas, muitas pesquisas de público foram desenvolvidas com o objetivo de identificar quem são os visitantes que frequentam os museus.

Segundo Carvalho (2009), as pesquisas de público vêm sendo utilizadas largamente nos museus do exterior, principalmente nos do Hemisfério Norte, com o objetivo de identificar o perfil do visitante, seus gostos, suas preferências culturais, sua opinião sobre a sua experiência vivida no museu, o impacto cognitivo no visitante. Além disso, servem também para os museus planejarem melhor sua programação e direcionarem sua divulgação.

Corroborando com essa ideia, Koptcke (2005) afirma que os museus americanos no século XX são os pioneiros a realizarem pesquisas relacionadas ao público. No entanto, foi apenas a partir da década de 70 que as instituições museais se dedicam mais intensamente às avaliações, porém, estas eram voltadas apenas para as exposições e tinham a finalidade de analisar a montagem dessas exposições, e não o visitante propriamente dito. Na década de 80, as pesquisas tomam um novo direcionamento, já que agora começam a avaliar a experiência do visitante nas atividades desenvolvidas pelo museu.

Até o século XIX, os visitantes só tinham acesso às coleções mediante convite especial. Entretanto, a partir dos anos 80 do século XX, o público passou a ser alvo de campanhas publicitárias que tinham como principal objetivo aumentar o número de visitantes, tornar as visitas a museus mais populares, enfim, trazer e fidelizar grupos sociais maiores e mais diversificados, conforme é evidenciado por Marandino (2008):

Nesse período, desenvolvem-se de forma mais densa programas e atividades voltadas para os variados públicos - crianças, jovens, públicos escolares, famílias - buscando atender seus objetivos de educação e divulgação do próprio museu” (MARANDINO, 2008, p. 24).

Também crescem as pesquisas sobre o que as famílias fazem, por que vão e como aprendem nos museus. Wilder (2009) destaca algumas pesquisas que já foram realizadas em várias partes do mundo inclusive no Brasil, com a temática museu/público:

A importante pesquisa coordenada por Pierre Bourdieu em 1996, o amor pela arte: os museus da Europa e seu público, e as coletâneas organizadas por Hooper-Greenhill (1999), Vergo (1997) e Karp (1992), além de publicações como a francesa museus e públicos, sem esquecer de trabalhos latino- americanos como Canclini e os trabalhos acadêmicos realizados na USP e outros centros universitários, além de artigos publicados em revistas e sites especializados (WILDER, 2009, p. 102).

Entretanto foram identificadas poucas pesquisas voltadas para o público idoso, grupo em crescimento no Brasil. Segundo dados do IBGE (2010), hoje são mais de 20 milhões de idosos e no ano de 2025, estima-se que serão mais de 34 milhões, representando 15% da população. A partir dos dados disponibilizados pelo Ministério da Saúde, seremos a sexta maior população mundial de indivíduos nessa faixa etária (BRASIL, 2001).

Então, estamos vivendo a “era do envelhecimento” e esse crescimento se deve a alguns fatores determinantes, quais sejam: redução da mortalidade infantil, melhorias nas condições de saneamento e os avanços tecnológicos e da ciência médica. Entretanto, no transcorrer da história do nosso país, houve um período em que o Brasil era conhecido como um país de jovens. Com isso, as políticas sociais ofertaram pouca atenção aos idosos.

Com esse cenário, as questões relativas ao processo de envelhecimento e da velhice, nos diferentes aspectos, têm suscitado estudos e investigações científicas para atender às necessidades e exigências dessa parcela da população, como também a aprovação de leis, dentre elas a Lei nº 8.842/1994 e a Lei nº 10.741/2003.

A Lei 8.842/1994, que dispõe sobre a Política Nacional do Idoso, estabelece que “a família, a sociedade e o Estado têm o dever de assegurar ao idoso todos os direitos de cidadania, garantindo sua participação na comunidade, defendendo sua dignidade, bem estar e o direito à vida” (BRASIL, 1994). Já a Lei 10.741/2003 - o Estatuto do Idoso - no seu capítulo V, define que o idoso tem direito “à educação, cultura, esporte, lazer, diversões, espetáculos, produtos e serviços que respeitem sua peculiar condição de idade” (BRASIL, 2003).

Baseados em algumas dessas leis, procuramos compreender a partir da pesquisa realizada a relevância da participação do público idoso, como forma de analisar de que maneira eles expressam suas concepções a respeito do museu, tecidas numa relação com as suas próprias história de vida e de formação.

A partir da visita que fizeram aos museus, ficou evidente perceber como estes se consagram como um rico espaço em que a aprendizagem está presente e é ressignificada pelo idoso considerando as experiências de vida, revivida pela memória em uma reconstrução simbólica dos elementos que no museu estão presentes, mas que fizeram parte de sua vida real.

3 METODOLOGIA

A pesquisa realizada foi de natureza empírica e método de caráter qualitativo, com o estudo voltado para a compreensão de determinada realidade a partir da interpretação de um fenômeno particular (JOHNSON; CHISTENSEN, 2012).

Nosso interesse se pautou nas percepções das pessoas idosas em relação aos museus e, então, para alcançar esse objetivo, foi utilizado como procedimento inicial de produção de dados, uma sondagem anterior à visita aos museus, com o intuito de compreender os significados que as idosas¹ dão aos museus; se já tiveram alguma experiência de ida ao museu e, além disso, foram dados alguns esclarecimentos sobre a pesquisa, mostrando, conforme uma aula expositiva sobre os museus que seriam visitados, além de uma conversa sobre o tema “museus”, além de tratarmos sobre as expectativas em relação ao trabalho que seria realizado. O público alvo dessa pesquisa foi constituído

¹ Até esta parte do texto utilizamos o termo “pessoas idosas”, mas pelo fato de a maioria do público visitante tenha sido de mulheres, utilizaremos somente o termo “idosas” no presente texto.

por 43 idosos, sendo 42 mulheres e um homem e, pela predominância de mulheres, utilizaremos neste artigo a referência ao gênero feminino quando nos referirmos ao grupo.

Após a realização da visita aos dois museus que ocorreu em um mesmo dia, optamos por realizar um grupo focal como técnica de produção de dados para a pesquisa. Assim, buscando entender como essa técnica nos ajudaria a compreender como as idosas concebiam o museu, utilizamos as orientações de Barbour (2009, p. 21), que caracteriza essa técnica a partir da concepção de que: “qualquer discussão de grupo pode ser chamada de um grupo focal, contanto que o pesquisador esteja ativamente atento e encorajando as interações do grupo”.

Neste sentido, nos interessou compreender como cada sujeito entendia sobre o que é um museu e de que maneira poderia caracterizá-lo como um espaço de aprendizagem.

Desta forma, no estudo em tela em que se optou pelo grupo focal, esta técnica ofereceu a oportunidade para que as idosas interagissem umas com as outras e estimulassem entre elas, pensarem sobre o museu e como ele se relacionava com cada uma delas. Entretanto, não era pretensão que o grupo chegasse a um consenso na sua discussão, mas o que se pretendeu de fato foi compreender como as idosas concebiam o museu, relacionando-o às suas histórias de vida, tornando explícita a representação que aquele espaço tinha para cada uma delas.

Tendo em vista a gama de dados obtidos na pesquisa, para o escopo do presente artigo trouxemos apenas o resultado acerca do Museu Casa do Sertão, que é administrado pela Universidade Estadual de Feira de Santana e localizado no município de Feira de Santana.

Segundo Silva (2016), o Museu Casa do Sertão divulga a cultura popular sertaneja através dos seus objetos cotidianos, destacando os objetos e suas exposições e relacionando o modo como eles são utilizados pela comunidade museológica.

4 À GUIA DE ALGUNS RESULTADOS OBTIDOS

Sem a intenção de buscar definições, conceitos, indagamos primeiramente sobre o que as idosas sabiam sobre o termo museu. Após este questionamento, surgiram às primeiras percepções, quais sejam: *Local que guarda um pouco da história de alguém, de um povo, de uma região (Tereza²); Local que guarda coisas históricas, se achar um osso de dinossauro deve guardar para mostrar às pessoas (Júlia).*

² Atendendo às normas dos padrões éticos de pesquisa, recomendados pelo comitê de Ética da Universidade do Estado da Bahia, lócus do desenvolvimento do estudo, os nomes são fictícios, escolhidos por cada participante em homenagem a alguém importante em sua trajetória de vida e formação.

Deste modo, destacamos que a partir dos enunciados apresentados, o museu é tido como um lugar de memória, que guarda elementos, objetos do passado ou até mesmo a história de um povo, corroborando com o que Chagas (2009, p. 22) menciona:

Selecionar, reunir, guardar e expor coisas num determinado espaço, projetando-as de um tempo a outro, com o objetivo de evocar lembranças, exemplificar e inspirar comportamentos, realizar estudos e desenvolver determinadas narrativas parece constituir as ações que, num primeiro momento, estaria nas raízes dessas práticas sociais chamadas, convencionalmente, de museus. (CHAGAS, 2009 p. 22)

Há uma percepção de museu associado ao passado. Elazari (1997) em seu artigo “Encontro com Idosos: escavando a memória a partir de objetos”, afirma:

Que os museus são lugares de memória onde se procura dar espaço para que diferentes grupos sociais possam ter as suas histórias preservadas, estudadas e compartilhadas. Os museus têm também seu papel de reconhecimento das identidades dos povos, valorizando-as, assim como as suas culturas (ELAZARI, 1997, p. 1).

Do mesmo modo, Leite (2006), afirma que os museus são depositários da memória de um povo, encarregados pela preservação das obras produzidas pela humanidade, com suas histórias, com os meios próprios de que dispõem. Entretanto, segundo Chagas (2005), os museus não apenas exercem o papel da guarda, mas têm vocação para investigar, documentar e comunicar-se e trabalham permanentemente com o patrimônio cultural integral, ressaltando sua dimensão educativa, procurando, assim, desenvolver as identidades locais, regionais, nacionais e internacionais. São espaços de produção de conhecimento e oportunidades de lazer. Seus acervos e exposições favorecem a construção social da memória e a percepção crítica da sociedade.

Quando questionadas sobre quais os tipos de museus que existem, a maioria se refere aos museus de ciências, como podemos observar nas falas a seguir: *Acho que o museu deve ser sobre o corpo humano (Cristina); Têm planetários, essas coisas que ficam no céu. (Raquel) e É um museu de ciências (Joana).*

Ainda que suas respostas anteriores remetessem ao passado histórico, ao exemplificarem os tipos de museus, elas responderam sobre os museus de ciências, mesmo porque estes também têm papel de “lugar de memória”, mesmo possuindo um sentido diferente de um museu de história. Portanto, os museus de ciências, enquanto instituições educacionais, por meio de suas diversas atividades de cunho experimental, interativo e lúdico, permitem que concepções alternativas se reestrutem em concepções que hoje são aceitas cientificamente, a partir do processo de construção do conhecimento (PEREIRA; CHINELLI; COUTINHO-SILVA, 2008). Piedade Filho (2009) considera que o Museu de

ciência é uma designação que engloba os museus de história natural, os museus de ciência e tecnologia e os museus interativos de ciência.

Com essas mudanças na concepção do que é um museu, ele deixa de ser uma espécie de local incômodo, inóspito, frio, espaço de contemplação de uma cultura fossilizada, associado a elites e pouco atrativo à população em geral e passa a ser um local rico e com potencial para o desenvolvimento.

Jacobucci (2008), em seu artigo intitulado “Contribuição dos espaços não-formais de educação para a formação da cultura científica”, afirma que atualmente, no mundo todo, os museus estão reestruturando suas exposições e atividades para atraírem cada vez mais visitantes e possibilitar um retorno permanente das pessoas.

Ainda, segundo a autora, um museu precisa estruturar suas atividades de forma que o público possa se interessar pelos assuntos tratados logo na primeira visita, uma vez que não há como prever quando os visitantes retornarão ao espaço. Nesse sentido, vários recursos, técnicas e estratégias expositivas nos museus têm transformado a relação entre o objeto exposto e o visitante em uma interação dinâmica, que envolve a participação ativa do público.

Quando questionadas se alguém já havia visitado um museu, apenas duas idosas responderam afirmativamente, sendo que as demais disseram que tinham muita vontade, mas nunca tiveram oportunidade e que agora, mesmo com a idade já avançada, esse seria o momento: *Conhecer um museu é meu sonho, sempre fiquei imaginando como deve ser prazeroso conhecer um local que guarda um pouco da nossa história.*(Josefa) e *Desde criança tenho essa vontade, mas nunca pude conhecer. Agora, aqui na UATI, com 71 anos de idade acho que vou conseguir.* (Afonsina)

Essas respostas reforçam a concepção que as idosas têm em relação aos museus. Mas, sobretudo a de que os idosos e idosas do século XXI vivenciaram grandes transformações como a queda da mortalidade materna e experimentam, agora, a queda da mortalidade nas idades avançadas. Neste sentido, a população idosa brasileira constitui um grupo heterogêneo e complexo, além das diferenças sociais e raciais, é composto por pessoas cujo intervalo de idade extrapola 30 anos e que experimentaram trajetórias de vida muito diferenciadas. Por isso, o idoso deve ser reconhecido com prioridade nas áreas da saúde, educação, política, economia, previdência social, cultura, lazer, comunicação, direito (OLIVEIRA; OLIVEIRA, 2011).

Sendo assim, a educação assume papel importante para auxiliar os idosos na superação de situações de vulnerabilidade com que se defrontam. Neste sentido, a educação para o idoso deve superar os estereótipos negativos atribuídos à velhice superando preconceitos como inutilidade, incapacidade para aprender, doença, improdutividade etc., propiciando com isso, a valorização do

idoso, para que desenvolva autonomia e possa exercer novos papéis sociais, favorecendo assim, maior inserção e participação social.

Portanto, o envelhecimento conduz a uma mudança significativa nos papéis sociais, que precisam de uma re-significação tanto em nível micro, a família, como em nível macro, a sociedade.

5 RESSIGNIFICANDO ALGUNS DOS OBJETOS DO MUSEU NA REMEMORAÇÃO

O Museu Casa do Sertão, um dos espaços visitados, tem por finalidade preservar e divulgar a cultura nordestina, em especial, a cultura sertaneja. A sensação das idosas ao se depararem com os objetos expostos foi de uma recuperação de memória daquilo que já conheciam desde a infância e juventude, do cotidiano da vida, em convivência com familiares e amigos. A maioria relatou afinidade com os objetos, que se referiam principalmente ao artesanato popular. Ao entrarem no local, ficou explícita a expressão de todas, com o olhar atento aos detalhes daquilo que estavam vendo. Elas pareciam estar viajando no tempo, ao depararem com objetos que traziam lembranças do seu dia-a-dia no sertão, afinal todas são de origem sertaneja.

Ao entrar na sala destinada à fotografias, as idosas observaram com bastante atenção aquelas que estavam expostas e foram várias as manifestações de identificação, como podemos observar na fala de uma delas, ao se deparar com uma fotografia de um casamento: “Essa fotografia lembra o casamento da minha mãe”; outra afirmou: “Na minha casa tenho fotografias como essas”. Essa sensação de reconhecimento foi notada em todos os espaços do museu: a cada objeto, um reencontro com o passado. Para Santos (2005, p. 45): “O objeto museológico como materialização da memória permite a ilusão de não mudar através do tempo, mantendo intacto, sem passar pelo envelhecimento inerente à natureza humana, já que a conservação deste, o faz atravessar o espaço e tempo, e a sua linguagem pode fazer dele um objeto simbólico de uma temporalidade”.

Ao visitarem a sala dos brinquedos, passaram a ter um comportamento que lembrava mesmo de uma criança. Todas queriam fazer algum comentário para confirmar que conheciam aqueles objetos e que eles fizeram parte de suas infâncias. Uma idosa disse, ao ver as bonecas de pano: “*as bonecas da minha infância!*”; outra disse: “*brinquei muito com esses brinquedos*”, se referindo aos objetos expostos.

Todo o percurso no museu foi guiado por uma monitora, que falava sobre os objetos expostos, relatando um pouco da história de cada um. Vale salientar que todas as idosas ouviam as explicações com atenção, porém interagiam com as colegas e com a monitora fazendo comentários. Uma delas fez o seguinte comentário quando a monitora falava sobre os brinquedos: “*as crianças de hoje não brincam mais com esses brinquedos, é uma pena!*”.

Com essa fala, entendemos que os objetos museológicos apresentam-se como uma possibilidade para o exercício da reflexão histórica e como um processo cognitivo que pode ser um elemento agregador da comunidade, já que a sociedade atual não preserva a memória, diante de um mercado que valoriza o imediato e o efêmero.

Na sala de utensílios domésticos, os comentários de reencontro com os objetos continuaram e muitas delas voltaram ao tempo da sua infância e juventude. Uma delas afirmou que o primeiro presente que recebeu do seu pai foi uma máquina de costura, e continuou: “meu pai me deu essa máquina para eu aprender a costurar e ser uma boa dona de casa”. Outra idosa completa o pensamento da colega dizendo: *“hoje as coisas mudaram, mas no nosso tempo toda moça deveria aprender a costurar, fazer renda, cozinhar para ser uma boa esposa”*.

O reencontro com esses objetos transportaram as idosas para um período das suas vidas que, segunda elas, é muito diferente dos dias de hoje, fato evidenciado na fala acima. Nesse período, por volta dos anos quarenta do século XX, existia um conjunto de valores que os pais transmitiam aos seus filhos, alguns se aplicavam indistintamente ao menino e à menina: “Respeito”, “Obediência”, “Honestidade”, “Trabalho”; mas outros se referiam apenas ao contingente feminino: “Submissão”, “Delicadeza no Trato”, “Pureza”, “Capacidade de Doação”, “Prendas Domésticas” e “Habilidades Manuais” (BIASOLI-ALVES, 2000).

Outro fato que consideramos importante destacar foi comentado por elas durante a visita, em relação à criatividade humana para criar peças tão úteis. Uma idosa fez o seguinte comentário: *“o homem daquele tempo era inteligente para fazer esses objetos tão úteis, que facilitou a vida de todos nós”*. Outra destacou a capacidade de reutilizar objetos, quando apontou para um ralador de coco e disse: *“esse ralador foi feito de uma lata de óleo vazia que iria parar no lixo e contaminar o meio ambiente”*. Esse comentário foi compartilhado por muitas outras idosas, que também apontavam para outros objetos que eram fabricados a partir de objetos que iriam parar no lixo.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os resultados da pesquisa permitiu-nos compreender as concepções que uma população de idosos tem a respeito do significado do museu, entendendo-o como um rico espaço de formação. Assim pudemos analisar o comportamento das idosas quando elas se deparam com experiências museais, tendo em vista que este público tem sido pouco contemplado nas investigações relacionadas ao estudo de público em museus.

A partir das análises das respostas das idosas, constata-se que a maioria se refere aos museus como espaço de memória, espaço em que se guarda, por exemplo, a história de um povo, porém, ao

exemplificar um museu, trazem como exemplo os museus de Ciências, onde se guardam e preservam as descobertas científicas para que outras gerações tenham conhecimento. Estas concepções são justificadas porque a maioria das idosas envolvidas na pesquisa nunca havia visitado um museu. Entretanto, elas se mostram com abertura para conhecer o novo.

Neste sentido, para que haja um envelhecimento ativo é primordial o envolvimento do idoso na sociedade e, neste sentido, é fundamental que este recupere o seu lugar na vida e na comunidade participando de atividades culturais. Sendo assim, o museu se revela como um espaço fértil para a reinserção do idoso na sociedade.

Os resultados apontam um importante conjunto de dados empíricos sobre o comportamento das idosas em museus de ciências e em museus de história regional. A partir dos resultados, consideramos que as idosas apresentam algumas percepções diferentes e outras em comum em relação às exposições no Museu Casa do Sertão.

O Museu Casa do Sertão foi um reencontro com o passado, todos os objetos expostos de alguma forma fizeram parte da vida das idosas, começando pelos brinquedos, passando pelos utensílios domésticos até os instrumentos de trabalho. Neste museu notamos que as idosas interagiram com os objetos com certa familiaridade, ficaram a vontade para comentar sobre os objetos e relembrar do passado. Nesse sentido, o museu assume papel de preservar a memória da cultura sertaneja.

REFERÊNCIAS

BARBOUR, R. Grupos focais. Porto Alegre: Artmed, 2009.

BRASIL. Ministério da Justiça. Secretaria Nacional dos Direitos Humanos. Conselho Nacional do Idoso. Política Nacional do Idoso. Lei nº 1074/2003. Brasília, 2003.

BIASOLI-ALVES, Zélia Maria Mendes. Continuidades e Rupturas no Papel da Mulher Brasileira no Século XX. Psicologia: Teoria e Pesquisa. Set-Dez 2000, Vol. 16 n. 3, pp. 233-239.

CORTELLA, M. S. A contribuição da Educação Não-formal para a construção da cidadania. In: Itaú Cultural. Visões Singulares, conversas plurais. São Paulo, 2007. p. 43-49.

ELAZARI, Judithe Mader. Encontro com Idosos: “escavando” a memória a partir de objetos. Revista do MAC, nº 7, set./2007.

GOHN, Maria da Glória. Educação não-formal e cultura política: impactos sobre o associativismo do terceiro setor. São Paulo: Cortez, 2001.

_____. Educação não-formal e cultura política. 4. ed. São Paulo: Cortez, 2008.

_____. Educação não-formal, participação da sociedade civil e estruturas colegiadas nas escolas. Ensaio: aval. pol. públ. educ. Rio de Janeiro, v. 14, n. 50, p. 27-38, jan./mar. 2006.

GUBA, E. G.; LINCOLN, Y. W. Competing paradigms in qualitative research. In: DENZIN, N. K.; LINCOLN, Y. S. (Ed.). Handbook of qualitative research. Thousand Oaks: Sage, 1994. p. 105-117.

IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Contagem da população. Disponível em: <http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/censo2010/default.shtm>. Acesso em 20 out. 2014.

JACOBUECCI, Daniela Franco Carvalho. Contribuições dos espaços não-formais de educação para a formação da cultura científica. Revista em Extensão, Uberlândia, v. 7, 2008.

JOHNSON, B.; CHRISTENSEN, L. Educational research: quantitative, qualitative, and mixed approaches. Thousand Oage, 2012.

LEITE, Maria Isabel. Crianças, Velhos e Museu: memória e descobertas. Cad. Cedes. Vol. 26, nº 68, p. 74-85. Jan./abril./2006.

LIBÂNEO, J. C. Pedagogia e pedagogos pra quê? 10. ed. São Paulo: Cortez, 2008.

LICHTMAN, M. Qualitative reseach in educacion: a user’s guide. Thousand Oaks: Sage, 2010.

LUDKE, M.; ANDRÉ, M.E.D.A. de. Pesquisa em educação: abordagens qualitativas. São Paulo: EPU, 1986.

MASSARANI, Luisa; REZNIK, G.; NORBERTO, Jessica; FALLA, S.; ROWE, S.; MARTINS, Alanna Dahan; Amorim, Luís. A Experiência de Adolescentes ao Visitar um Museu de Ciência: um estudo no Museu da Vida. Ensaio: Pesquisa em Educação em Ciências (Online), v. 21, p. 1-25. 2019.

MINAYO, M. C. S.; DESLANDES, S. F.; OTÁVIO NETO, R. G. Pesquisa social: Teoria, métodos e criatividade. Rio de Janeiro: Vozes, 1994.

MARANDINO, Martha. Ação educativa, aprendizagem e mediação nas visitas aos museus de ciências in MASSARANI, Luisa; ALMEIDA, Carla. Workshop Sul- Americano & Escola de Mediação em Museus e Centros Ciência. Anais. Rio de Janeiro: Museu da Vida / Casa de Oswaldo Cruz / Fiocruz, 2008. 144 p. il.

OLIVEIRA, Rita de Cássia da Silva; OLIVEIRA, Flávia da Silva. UATI/UEPG: A construção de novos saberes para o empoderamento do idoso. XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais. Anais. Diversidade e (Des) Igualdades. Salvador, 2011.

PEREIRA, G. R.; CHINELLI, M. V.; COUTINHO-SILVA, R. Inserção dos centros e museus de Ciências na educação: estudo de caso do impacto de uma atividade museal itinerante. Ciência e Cognição. V. 13(3): 100-119, dez./2008.

PIEIDADE FILHO, Lúcio De Franciscis dos Reis. Museu, Ciência, Tecnologia e Sociedade: O Museu enquanto espaço de difusão e divulgação científica. Foro Ibero- Americano de Comunicação e Divulgação Científica. Anais. Campinas, 2009.

SANTOS, Vânia Carvalho Rôla. Cultura, identidade e memória: uma leitura informacional dos museus históricos em ambientes comunitários. Dissertação (mestrado) – Universidade Federal de Minas Gerais, Escola de Ciência da Informação, 2005.

SILVA, Everton Menezes. Museu Casa do Sertão: veredas e narrativas das exposições. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Estadual de Feira de Santana, 2016.

TRIVINOS, A. N. Silva. Introdução à pesquisa em ciências sociais: A pesquisa qualitativa em educação. São Paulo: Atlas, 2007.

WILDER, Gabriela Suzana. Inclusão social e cultura: Arte contemporânea e educação em museus. São Paulo: UNESP, 2009.